

O POETA MODERNO E O MENDIGO: DUAS ATITUDES LITERÁRIAS

Grace Alves da PAIXÃO¹

RESUMO: O presente artigo propõe a leitura de “A Une Mendiant Rousse”, de Baudelaire, partindo da comparação com o poema hugoano “Le Mendiant”. O objetivo é contrastar duas poéticas distintas que tematizam a figura do marginalizado urbano, e analisar uma imagem dissonante em Baudelaire que choca o leitor subvertendo o tipo de tratamento dado ao pobre na poesia que se fazia na primeira metade do século XIX.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia. Poesia moderna. Charles Baudelaire. Victor Hugo.

Desde sua primeira publicação em 1857 até os dias atuais, *Les Fleurs du mal* [*As Flores do mal*] (BAUDELAIRE, 1959) têm sido um livro diante do qual o homem moderno não consegue manter-se apático. É como se a leitura de cada poema desvelasse um turbilhão de tensões recalçadas até então e passasse a dizer aquilo que ainda não estava dito, mas que já estava no próprio ser humano imerso na modernidade.

Mesmo os artigos do *Figaro*, que corroboraram a censura (CELLIER, 1970), passando pelo comentário de Victor Hugo (apud GAUTIER, 2001, p.133): «vous dotez le ciel de l'art d'on ne sait quel rayon macabre. Vous créez un frisson nouveau», que evidencia o macabro da obra e não explica com clareza esse “arrepio novo”; até os elogios dos contemporâneos que compreenderam seu projeto estético, chegando aos estudos do século XX, de Benjamim e Friedrich (só para citar alguns), os quais consagraram *Les Fleurs du mal* como a pedra de toque de toda a poesia moderna... enfim, toda a gama crítica formada em seu redor só aponta para uma certeza: a de que *Les Fleurs du mal* (BAUDELAIRE, 1959) dizem algo

¹ USP - Universidade de São Paulo Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Departamento de Letras Modernas. São Paulo - SP - Brasil. 05508-030 - graceusp@yahoo.com.br / paixao.grace@gmail.com.

em particular aos herdeiros dessa tradição moderna que veio se formando desde o século XIX e mais ainda, a certeza de que a obra-prima baudelairiana não terminou de dizer tudo o que tinha para dizer.

Ora, não é essa uma das categorias elencadas por Calvino (1993) ao definir o que é um clássico? E como um clássico, *Les Fleurs du mal* continuam fascinando as gerações de leitores de poesia. Ao falar do fascínio que o livro exerce, Friedrich (1991) aponta para certas características baudelairianas importantes, dentre as quais gostaria de chamar a atenção para a dissonância, ou seja, Baudelaire transforma algo até então tido como negativo em algo fascinador, o que provocava no leitor da época o efeito de um choque.

Para tentar perseguir os conceitos de dissonância e de choque, propõe-se aqui a leitura de “*A Une Mendicante Rouse*” (BAUDELAIRE, 1959) tendo como pano de fundo o poema hugoano “*Le Mendiant*” (HUGO, 1967). Como os dois poemas trazem a mesma temática de modo diferenciado, o eixo de comparação pode evidenciar algumas das inovações da estética de Baudelaire.

“*Le Mendiant*” (HUGO, 1967), publicado nas *Contemplations* (1856), traz a seguinte imagem: o poeta vê de sua janela um mendigo na geadas e, movido por um sentimento de piedade, o acolhe, alimentando-o e reconfortando-o em sua própria casa. Toda a descrição física do mendigo (homem velho, de manto desbotado e comido por vermes), bem como as condições de vida (ele tinha frio, fome e morava num casebre sob a escadaria) apontam para um estado de penúria típico dos excluídos da cidade moderna.

A presença desse personagem urbano já marca uma inovação romântica - os excluídos passam a ser matéria poética a partir do século XIX, quando o assunto está em voga. Victor Hugo é extremamente marcado pelos ideais da Revolução Francesa, sua poesia não poderia deixar de sê-lo: por esse motivo, os ideais **Igualdade, Liberdade e Fraternidade** ressoam em sua lírica com tanto vigor. Ao descrever a maneira como vivia o homem, Hugo denuncia diferenças existentes no âmago dessa sociedade, fato que mostra o quanto os ideais da Revolução de 1789 estavam longe da realidade.

É inegável que este poema assume um caráter humanitário que marcou muito a poesia social de Victor Hugo. No verso três, o poeta caracteriza como “civil” o ato de abrir a porta ao necessitado, ou seja, é uma atitude esperada pelos civis e serve de modelo de comportamento aos cidadãos. No poema, ainda estão em evidência as diferenças existentes entre o mendigo e o próprio poeta, visto que este pode oferecer-lhe casa, comida e conforto. Quer dizer, por mais que as

atitudes solidárias do poeta tendam a diminuir a distância de tratamento entre os homens, há um abismo entre eles no que se refere ao direito de propriedade.

Tendo feito essa breve reflexão acerca do poema hugoano, podemos passar a “*A Une Mendiant Rousse*”, de Baudelaire (1959).

A presença dos miseráveis urbanos não foi ignorada pela poética baudelairiana, os mesmos miseráveis que motivavam Victor Hugo a fazer uma poesia abertamente ideológica. Entretanto, há uma considerável diferença de tratamento do tema “pobreza” entre os poetas em questão, que podemos ver ao compararmos os poemas “*Le Mendiant*” (HUGO, 1967) e “*A une mendiant rousse*” (BAUDELAIRE, 1959).

Nesse poema, um dos “*Tableaux Parisiens*” (BAUDELAIRE, 1959), o eu-lírico baudelairiano descreve uma jovem mendiga da qual extrai uma beleza ímpar; a veste esburacada que deixa ver partes do corpo revela um traço de sensualidade que parecia ser impossível na lírica anterior ao se tratar de pobres. Baudelaire retrata a mendiga evidenciando tudo aquilo o que há de belo, numa poesia que não prega piedade, tampouco solidariedade, pelo menos de forma panfletária.

*Blanche fille aux cheveux roux,
Dont la robe par ses trous
Laisse voir la pauvreté
Et la beauté, [...] (BAUDELAIRE, 1959, p.92).*

Rimar “pobreza” e “beleza” coloca um paralelo novo na poesia, onde a pobreza esteve por muito tempo associada ao feio e ao disforme. Claro que ver beleza naquela pedinte é uma peculiaridade do poeta da vida moderna, de corpo “*chétif*”, semelhante a ela em suas condições físicas e cuja magreza e moléstia ganham doçura:

*Pour moi, poète chétif,
Ton jeune corps maladif,
Plein de taches de rousseur,
A sa douceur. (BAUDELAIRE, 1959, p.93)*

Mais que doçura; na sexta estrofe, Baudelaire lhe atribui uma carga de sensualidade feminina a despertar nos homens desejos pecaminosos:

*Que des nœuds mal attachés
Dévoilent pour nos péchés
Tes deux beaux seins, radieux
Comme des yeux; [...] (BAUDELAIRE, 1959, p.93).*

Os verbos no condicional das estrofes 10 e 11 inserem uma seqüência de hipóteses acerca do que a pedinte poderia ser e ter: muitos poetas poderiam fazer dela sua musa, ela que é bela suficientemente para seduzir reis (referência aos *Valois*). Mas o traço introdutório da estrofe doze (12) e a conjunção adversativa que a inicia interrompem essa série de hipóteses e jogam o leitor na dura realidade da moça,

*Cependant tu vas gueusant
Quelque vieux débris gisant
Au seuil de quelque Véfour
De carrefour; [...] (BAUDELAIRE, 1959, p.94).*

ela poderia ser e ter, mas não é e não tem nada, continua seu caminho a mendigar qualquer caco inútil à soleira de algum restaurante. Claro que fatores como injustiça e desigualdade social estão expostos, pois muito embora a mendiga vista seus tamancos rudes mais delicadamente que uma rainha ornada com sapatos de veludo (3ª estrofe), ao contrário de qualquer rainha, a jovem encontra-se “*au seuil de quelque Véfour*” (BAUDELAIRE, 1959, p.94) (12ª estrofe), ou seja, há lugares em que ela não pode entrar, portanto a marginalização dessa personagem é explícita. “*Il y a ici une intention ironique. Le Véfour était l'un des restaurants les plus chers de Paris*”².

Para concluir, gostaria de ressaltar uma diferença entre o poeta hugoano e o poeta baudelairiano que se delineia com mais precisão na estrofe 13: o primeiro acolhia o mendigo e se caracterizava por ter o que lhe oferecer, estava aí o traço que os distinguia. Já o poeta de “*A Une Mendiane Rousse*” (BAUDELAIRE, 1959) tem outra postura diante da miserável, ele que já tinha declarado ser como ela em seu físico debilitado (estrofe 2), agora também assume que lhe é semelhante em condição social, isto é, não tem nada para ofertar:

*Tu vas lorgnant en dessous
Des bijoux de vingt-neuf sous
Dont je ne puis, oh ! pardon
Te faire don. (BAUDELAIRE, 1959, p.94).*

² Nota explicativa de Antoine Adam (BAUDELAIRE, 1959, p.380).

O leitor do século XIX estava habituado a uma poesia que abordava a pobreza por um viés socializante, por isso, ao ler um título como *A Une Mendiane Rousse*, esperava ler um conteúdo muito próximo ao que vemos em “*Le Mendiant*” (HUGO, 1967), ou seja, uma imagem permeada por idéias correntes de solidariedade no que se refere à relação entre o pobre e o poeta.

Entretanto, a crítica social só aparece no poema baudelaireano se interpretarmos as entrelinhas, pois o que salta aos olhos é o elogio da beleza feminina independentemente de classe social. Antes de tudo, o poeta consegue enxergá-la como uma mulher. É esse aspecto do poema que causava o choque esperado por Baudelaire.

Certamente miséria e mendicância são alguns dos aspectos mais negativos da cidade moderna. Baudelaire tinha consciência disso, mas lidou com essa temática subvertendo o tipo de poesia que se fazia na época, ou seja, transformando o negativo em algo que fascina, revolucionando uma lógica de pensamento já estagnada e desvinculando a poesia de uma propaganda ideológica.

Aliás, é importante frisar que Baudelaire jamais condenou Hugo por ser um homem de esquerda, e sim por colocar a poesia a serviço da política (CELLIER, 1970). É por esse motivo que num dos projetos de prefácio para *Les Fleurs du mal* (BAUDELAIRE, 1959, p.248), declara: «*Ce n'est pas pour mes femmes, mes filles ou mes sœurs que ce livre a été écrit; non plus que pour les femmes, les filles ou les sœurs de mon voisin. Je laisse cette fonction à ceux qui ont intérêt à confondre les bonnes actions avec le beau langage*».

Para Baudelaire a função da poesia seria a busca pelo belo e pelo artístico. O que não deixa de se caracterizar como um ato revolucionário, visto que assumiu para si a dura missão de fazer poesia lírica em meio ao caos urbano, onde a literatura social parecia ser a única via possível.

Como resultado, temos obras poéticas repletas dos componentes da modernidade que ele observava. Por esse tempo, Paris passava por grandes transformações sócio-culturais e até mesmo físicas, com a reforma da cidade. Todos esses aspectos da contemporaneidade marcaram sua obra de tal maneira que seria impossível fazer dela uma leitura dissociada da própria cidade de Paris.

A leitura de *Les Fleurs du mal* (BAUDELAIRE, 1959) já dura um século e meio e a crítica ainda pisa com cuidado nesse terreno. De fato, Baudelaire não pode ser lido como alguém despreocupado com a sociedade moderna, porque nos deixou poemas impregnados do sentimento do homem moderno e conseguiu

fazer poesia lírica à medida que não trabalhava com a realidade, mas com aquilo que a realidade lhe movia. A verdade é que existem aí imagens dissonantes como a da mendiga em questão, comparações, alegorias, personagens, a ironia e o tom de lamento e um “não sei o quê” que ainda nos choca, nos emociona e nos faz refletir sobre a vida moderna.

THE MODERN POET AND THE BEGGAR: TWO LITERARY ATTITUDES

ABSTRACT: *The objective of this article is to read “A Une Mendiant Rousse” by Baudelaire to compare it with Victor Hugo’s poem “Le Mendiant”. The purpose is to contrast these two distinct poetics that use as their theme the figure of the urban man exiled by society and to analyze a discordant image created by Baudelaire that shocks the reader and subverts the treatment of the poor in the poems produced in the first half of the 19th-century.*

KEYWORDS: *Poetry. Modern poetry. Charles Baudelaire. Victor Hugo.*

REFERÊNCIAS

BAUDELAIRE, C. **Les fleurs du mal**. Paris: Éditions Garnier Frères, 1959.

CALVINO, I. **Por que ler os clássicos**. Tradução de Nilson Noulín. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CELLIER, L. **Baudelaire et Hugo**. Paris: Librairie J. Corti, 1970.

FRIEDRICH, H. **Estrutura da lírica moderna**: da metade do século XIX a meados do século X). Tradução do texto de Marise M. Curioni, tradução das poesias de Dora F. da Silva. São Paulo: Duas Cidades, 1991.

GAUTIER, T. **Baudelaire**. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Boitempo, 2001.

HUGO, V. **Les contemplations**. In: _____. Oeuvres Poétiques II. Paris: Gallimard, 1967. p.691-692. (Bibliothèque de la Pléiade).

ANEXOS

Le mendiant

*Un pauvre homme passait dans le givre et le vent.
Je cognai sur ma vitre ; il s'arrêta devant
Ma porte, que j'ouvris d'une façon civile.
Les ânes revenaient du marché de la ville,
Portant les paysans accroupis sur leurs bâts.
C'était le vieux qui vit dans une niche au bas
De la montée, et rêve, attendant, solitaire,
Un rayon du ciel triste, un liard de la terre,
Tendant les mains pour l'homme et les joignant pour Dieu.
je lui criai : « Venez vous réchauffer un peu.
Comment vous nommez-vous ? » Il me dit : « Je me nomme
Le pauvre. » Je lui pris la main : « Entrez, brave homme. »
Et je lui fis donner une jatte de lait.
Le vieillard grelottait de froid ; il me parlait,
Et je lui répondais, pensif et sans l'entendre.
« Vos habits sont mouillés », dis-je, « il faut les étendre ,
Devant la cheminée. » Il s'approcha du feu.
Son manteau, tout mangé des vers, et jadis bleu,
Étalé largement sur la chaude fournaise,
Piqué de mille trous par la lueur de braise,
Couvrait l'âtre, et semblait un ciel noir étoilé.
Et, pendant qu'il séchait ce haillon désolé
D'où ruisselait la pluie et l'eau des fondrières,
Je songeais que cet homme était plein de prières,
Et je regardais, sourd à ce que nous disions,
Sa bure où je voyais des constellations.(HUGO, 1967, p.691-692).*

A une Mendiante Rousse

*Blanche fille aux cheveux roux,
Dont la robe par ses trous
Laisse voir la pauvreté
Et la beauté,*

*Pour moi, poète chétif,
Ton jeune corps maladif,
Plein de taches de rousseur,
A sa douceur.*

Grace Alves da Paixão

*Tu portes plus galamment
Qu'une reine de roman
Ses cothurnes de velours
Tes sabots lourds.*

*Au lieu d'un haillon trop court,
Qu'un superbe habit de cour
Traîne à plis bruyants et longs
Sur tes talons ;*

*En place de bas troués,
Que pour les yeux des roués
Sur ta jambe un poignard d'or
Recluse encor ;*

*Que des nœuds mal attachés
Dévoilent pour nos péchés
Tes deux beaux seins, radioux
Comme des yeux;*

*Que pour te déshabiller
Tes bras se fassent prier
Et chassent à coups mutins
Les doigts lutins,*

*Perles de la plus belle eau,
Sonnets de maître Belleau
Par tes galants mis aux fers
Sans cesse offerts,*

*Valetaille de rimeurs
Te dédiant leurs primeurs
Et contemplant ton soulier
Sous l'escalier,*

*Maint page épris du hasard,
Maint seigneur et maint Ronsard
Épieraient pour le déduit
Ton frais réduit !*

*Tu compterais dans tes lits
Plus de baisers que de lis
Et rangerais sous tes lois
Plus d'un Valois !*

*-Cependant tu vas gueusant
Quelque vieux débris gisant
Au seuil de quelque Vêfour
De carrefour ;*

*Tu vas lorgnant en dessous
Des bijoux de vingt-neuf sous
Dont je ne puis, oh ! pardon
Te faire don.*

*Va donc, sans autre ornement,
Parfum, perles, diamant,
Que ta maigre nudité,
O ma beauté! (BAUDELAIRE, 1959, p.92-94).*

